

O DISCURSO TECNOLÓGICO DA ESCRITURAÇÃO CONTÁBIL NA HISTÓRIA DA CONTABILIDADE

THE TECHNOLOGICAL SPEECH OF ACCOUNTING BOOKKEEPING IN THE HISTORY OF ACCOUNTING

Flávio Henrique Ricetto Braidotti⁴

Guilherme Carrozza⁵

Renata Chrystina Bianchi de Barros⁶

RESUMO

A contabilidade faz parte da história do homem, constituindo-se de acordo com a demanda e com as formas de linguagem deste (homem) se relacionar com o meio em que vive. Na atualidade, como memória institucional, é tida como uma ferramenta de gestão empresarial, subsidiada pelas novas tecnologias. Na busca de compreender esta significação tecnológica, objetivamos descrever o modo como a escrituração contábil caminhou (e, conseqüentemente, da contabilidade), bem como analisar os efeitos de sentidos do discurso tecnológico que, por meio dos gestos de interpretação, compreendemos como efeito do deslizamento de sentidos da produtividade em sua constituição. Procuramos adotar uma concepção dinâmica de corpus, no qual o desenvolvimento das análises aconteceu em movimento espiral, com processos de descrição, teorização e interpretação nos entremeios.

Palavras-chave: contabilidade; informação; tecnologia; escrituração contábil; linguagem.

ABSTRACT

Accounting is part of the history of man, constituting an agreement with a demand and with forms of language of this (man) relating to the environment in which he lives. Currently, as an institutional memory, it is a business management tool, subsidized by new technologies. In the search to understand this technological significance, we aim to describe the way bookkeeping (and, consequently, accounting), as well as analyze the effects of the meanings of technological discourse, through the gestures of interpretation, understanding as the effect of the

⁴ Graduado em Contabilidade pela FACECA - Faculdade Cenecista de Varginha (2002). Especialista em Finanças (2005), Especialista em Auditoria e Controladoria, Mestre em Administração pela UNIPEL - Universidades Integradas Dr. Pedro Leopoldo. Atualmente é professor titular da FACECA - Faculdade Cenecista de Varginha. ID Lattes: 8307890281839941

⁵ Graduado em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Faculdade Anhembí Morumbi. Concluiu pesquisa de Mestrado em Linguagem e Sociedade pela Universidade do Vale do Sapucaí (2006), e de Doutorado (2010) e Pós-doutorado (2014) em Linguística pela Unicamp. ID Lattes: 2336229296821717

⁶ Graduada em Fonoaudiologia e Pedagogia. Concluiu pesquisa de Mestrado (2004), Doutorado (2011) e Pós-doutorado (2017) em Linguística pela Unicamp. Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Franca. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6635-7366>

sliding of meanings of its constitution. We try to adopt a corpus creation, without which development process occurred in a spiral movement, with processes of description, theorization and interpretation in between.

Keywords: accounting; information; technology; accounting bookkeeping; language.

INTRODUÇÃO

A contabilidade vem se desenvolvendo ao longo dos tempos e atualmente é vista como uma ferramenta de gestão empresarial, subsidiada pelos meios tecnológicos que a cercam. Sua transição perpassou pelo processo de escrita manual, processo mecânico e, hoje, atrelada às novas tecnologias, é detentora de informações rápidas e precisas. Portanto, a evolução tecnológica vem sendo imprescindível no mundo dos negócios e o campo contábil tem sido impactado por estes aspectos de novas descobertas no campo da informática.

Ousamos, a priori, afirmar que a rapidez (agilidade) de informações e a eficácia (veracidade) em estar disponíveis são os efeitos de sentidos do discurso tecnológico das escriturações contábeis, subsidiados pela memória institucionalizada – a do ‘não-esquecimento’, a memória de arquivo disponibilizada ao sujeito para que funcione como lembretes de sentido das coisas com as quais ele se relaciona no mundo. Trata-se de uma memória representada, localizável (CARROZZA, 2011).

Cientes de que os sentidos não são estáticos, falamos da construção do material de análise – a história da escrituração contábil ao longo da história da contabilidade. Objetivamos, então, descrever o desenvolvimento da escrituração contábil (e, conseqüentemente, da contabilidade), bem como analisar os efeitos de sentidos do discurso tecnológico, procurando demonstrar os deslizamentos, considerando nesse funcionamento o efeito metafórico já que a metáfora está na base da significação (ORLANDI, 2013).

1. UMA HISTÓRIA (DOS PROPÓSITOS) DA CONTABILIDADE

A contabilidade se faz presente na vida do homem, em seu cotidiano, em tudo que o homem fez e faz, quando necessita de métodos quantitativos de números (IUDÍCIBUS, 2010). No senso comum, a contabilidade engaja-se em apresentar números. Para a abertura das reflexões propostas, faz-se necessário compreender como se deu a história (dos propósitos) da contabilidade, significando seu sentido de ‘quantificar’, a partir de seus sentidos parafrásticos no esquema ‘contar >> contabilizar >> gerenciar’.

O esquema ‘contar >> contabilizar >> gerenciar’ aparece textualizado na charge de um anúncio de uma empresa (A Evidência) de prestação de serviços contábeis, na tentativa de mostrar a ‘evolução’ (como mostra o título da charge), conforme a da Figura 1 – não funcionando esta como recorte, conquanto como esquematização da análise a ser construída, a partir de recortes (quadros) nela contidos.



Figura 1 – A história da Contabilidade

Fonte: Desconhecida, banco de dados do autor

Destarte, os sentidos de ‘contar >> contabilizar >> gerenciar’ podem ser compreendidos nas condições de produção da referida figura. Os três quadros da charge discursivizam os recursos tecnológicos ao longo da história da escrituração contábil. Os registros em grutas e paredes, por meio de desenhos, produzem efeitos de sentidos de simplicidade na quantificação e na contagem do patrimônio humano, naquela ocasião. A máquina de escrever, operacionalizada pelo sujeito engravatado, evidencia as primeiras formalidades no registro com as informações contábeis. Além disso, o excesso de papéis desenha a primazia em registrar e contabilizar dados, como também a presença do armário de metal, objeto que servia para o ‘armazenamento’ de todos os dados registrados e escriturados no excesso de papéis. Tais índices produzem efeitos de sentidos do homem, isto é, produzem certa significação sobre a prática de trabalho do homem na história da contabilidade, contabilizando. Posteriormente, tem-se o mesmo sujeito engravatado segurando um *notebook*, que ao mesmo passo produz efeitos de já ditos de uma tecnologia nova, silenciam tecnologias ultrapassadas, apagando os armários de arquivos, bem como, o excesso de papéis. Além disso, o *notebook* é segurando como uma forma de troféu que simboliza a conquista e o poder do homem em possuir e controlar todas as informações por meio de um só clique; este ‘um só clique’ produz efeitos de sentidos de ‘tomadas de decisões’ – o que faz a contabilidade passar a significar gerencialmente.

“Quando falamos em condições de produção do discurso, estamos falando da exterioridade constitutiva do discurso. Não há como compreender o discurso fora de sua

exterioridade constitutiva” (NOGUEIRA, 2015, p. 50). Não há como compreender a história (dos propósitos) da contabilidade sem conhecer a exterioridade constitutiva do ‘quantificar’ em cada fase evolutiva.

Ainda num gesto de interpretação sobre a materialidade da Figura 1, o sentido de ‘Quantificar’ desliza-se para o sentido de ‘contar’ nos primórdios da contabilidade. A partir do momento em que as primeiras tribos passaram a abandonar a vida nômade, reorganizando-se, assim, em vilarejos e povoados – uma nova constituição de espaço ‘urbano’ daquela ocasião –, a atividade contábil se tornou instrumento de contagem com finalidades de mensuração de riquezas (de pessoas ou de instituições). Pela demanda em memorizar atos e fatos do dia a dia, o homem passou a buscar conhecimento (interpretativo e explicativo) e ordenamento lógico, chegando ao seu ápice de buscar mecanismos e instrumentos que servir-lhe-iam como suporte para regular o ambiente em que vivia. Assim, o propósito de ‘quantificar’, mediante uma nova forma de organização social (vilarejos e povoados), desliza-se para o propósito de ‘contar/mensurar riquezas’ – eis aí a contabilidade funcionando como um instrumento de regularização da organização social.

Mais tarde, com as atividades mercantis a contabilidade passou a desenvolver-se para satisfazer as necessidades do progresso técnico e científico. Foram-lhe impostas atividades mais complexas, considerando que o aumento de máquinas trouxe, também, o aumento de produção – registram-se aí as condições de produção de uma contabilidade cujo efeito de sentido produzido é o de ‘contabilizar’ a e para a produtividade.

As atividades mercantis funcionando como condições de produção para um discurso contábil, vem significar o sentido de ‘contabilizar’ como deslizamento ao de ‘quantificar’. A língua e o discurso estão sempre em contradição, produzindo sentidos sempre em curso e, portanto, em movimento (ORLANDI, 2004); assim, ‘se produzo, comercializo e logo contabilizo’. O maquinário da produção, bem como as máquinas de calcular e de datilografar são objetos que passaram a fazer parte do processo discursivo comercial, encontrando-se inscrito em ‘relação ideológica de classes’, como nos ensina Pêcheux (1997). Afirma-se que a contabilidade, interpelada pela ideologia de mensuração de riquezas, passou a servir enquanto instrumento para a atividade mercantil.

Os propósitos da contabilidade, enquanto sentidos de quantificar, passaram a usar das informações contabilizadas novas formas de administrar e gerir propriedades. Deste modo, a gestão por meio das informações contabilizadas, subsidiadas por sistemas apropriados, materializaram um novo discurso da contabilidade – o discurso do empoderamento, pelo qual

a tomada de decisão (ou o gerenciamento) é realizada com base no que foi contabilizado com a ajuda das modernas tecnologias.

A prática contábil nasceu nesse contexto, e se discursiviza em redes de significação que se filia ao efeito de sentido de evolução, como instrumento que auxilia o homem em seu exercício de gestão de patrimônio no que tange ao planejamento, ao controle e à tomada de decisões. Assim, as modernas tecnologias de informação são as condições de produção de um discurso gerencial da contabilidade, haja vista que estas permitem que pequenas e grandes quantidades de dados sistematizados cruzem o espaço em questão de milésimos de segundos.

2. A ESCRITURAÇÃO CONTÁBIL COMO LINGUAGEM (TECNOLÓGICA) DA CONTABILIDADE

De acordo com Payer (2005, p. 11), “compreender o modo com que a linguagem funciona leva a compreender muito do que se passa com o sujeito e com a sociedade”. Especificamente, em relação à escrituração contábil, enquanto linguagem da contabilidade, a compreensão da sua historicidade e do modo como o homem foi se articulando socialmente a partir da constituição da contabilidade, é fundamental para a compreensão de como a tecnologia passou a dar materialidade a sentidos que, de modo geral, ficam silenciados no processo de produção mercantil.

Por meio da linguagem o homem produz saberes, inventos, tecnologias (ORLANDI, 2009) – ou seja, produz conhecimento. O esquema ‘manuscrito >> mecanizado >> eletrônico (informatizado/digital)’ pode ser observado também na Figura 1 (apresentada anteriormente), onde as condições de produção (já descritas) evidenciam a evolução tecnológica da linguagem da escrituração contábil.

O que será posto nestas reflexões ‘manuscrito >> mecanizado >> eletrônico (informatizado/digital)’ é a afirmação da materialidade da tecnologia, dos gestos de interpretação. Sua historicidade e sua constituição pela memória, saber discursivo. O que queremos afirmar é que, dentro de cada processo de escrituração, há uma diferente forma de linguagem, uma ‘nova tecnologia’, porque mobiliza processos de linguagem que ora deslizam por entre redes de significação, por ora deslocam.

Segundo a concepção de Ferreira (2015), em concomitância com o que pensa Orlandi (2009), ousa-se afirmar que o homem produz muitas tecnologias, sendo a tecnologia da linguagem uma delas. Ocorre que na relação com a língua há uma certa “naturalização” – é

trabalho da ideologia produzir efeito de evidência sobre o que se diz –, o que apaga, em certa medida, o sentido de tecnologia para a escrita, por exemplo. Nesse sentido é que podemos pensar a escrituração contábil como uma forma de linguagem da contabilidade e, mais que isso, como uma de suas tecnologias.

Na *escrita manual*, materializada pelo primeiro quadro da Figura 1, temos a materialidade de um discurso patrimonial (ideologicamente, um discurso de controle de riquezas do homem primitivo), onde a ‘contagem’ do número de animais, a quantidade e a extensão de terras dos homens, eram registradas por meio de desenhos, pinturas e rabiscos em paredes de grutas, por este homem ‘primitivo’. O homem ‘primitivo’ é significado pela sua forma de vestimenta rústica e com pés descalços. Além disso, a condição primitiva dentre outros signos que pela sua história de significação, remetem ao tempo pré-histórico, como o mamute.

Naquela conjuntura, não havia letras (e, por consequência, palavras) e números. Assim, os desenhos/pinturas/rabiscos eram a materialidade da primeira forma de (linguagem de) escrituração contábil, o que não deixa de representar uma certa tecnologia.

Analisar um discurso patrimonial passa a implicar em tomá-lo como objeto teórico e histórico-ideológico que, a partir de práticas sociais de linguagem de contagem, produz uma forma material (registro em paredes ou por meio de ossos) “encarnada na história para produzir sentidos” (ORLANDI, 2015, p. 19).

O processo *da escrita manual para a escrita mecânica* é representado pelo segundo quadro da Figura 1, onde a materialidade do discurso mecânico é significada pelo ‘tec tec tec’ da máquina de escrever. Além disso, esse gesto se mostra materialmente na automação do processo de escrituração, sendo esta feita a partir de papéis e modelos de relatórios a serem preenchidos a tempo, e a serem devidamente arquivados – o armário de metal, comum aos escritórios de contabilidade desta fase mecânica de escrituração, era o lugar adequado para o arquivamento dos papéis, onde geralmente cada escrita (ou cada cliente) possuía uma gaveta. Estas gavetas, em nossa sociedade, foram substituídas pelas ‘pastas’ digitais, nos programas dos computadores, onde todas as informações de cada escrita (cliente) seria armazenada adequadamente, sustentada pelo discurso da qualidade da informação.

O discurso da qualidade da informação na escrituração contábil mecânica se deslocava para o excesso de papeis e relatórios preenchidos e arquivados, silenciando um discurso de prevenção ambiental que sempre existiu, mesmo sendo evidenciado nos dias de hoje.

Para compreendermos a *escrituração eletrônica* (informatizada/digital) como linguagem tecnológica da contabilidade, precisamos, antes, compreender a informação em sua

materialidade do arquivo deste discurso digital (e gerencial), haja vista que, “o propósito básico da Contabilidade é fornecer informação útil e sistematizada para a tomada de decisões econômicas e avaliações por parte dos usuários, em geral” (HENDRIKSEN; BREDA, 2011).

“A materialidade do arquivo, portanto, é aquilo que faz com que ele signifique de um modo e não de outro [...]. Um mesmo arquivo nunca é o mesmo, por causa da sua materialidade” (DIAS, 2015, p. 973).

No terceiro quadro da Figura 1, a materialidade de um discurso gerencial da contabilidade (de uma contabilidade que reúne informações sistematizadas e digitalizadas, subsidiando qualquer tomada de decisões nas organizações) significa-se nas expressões ‘é tempo de gerenciar’ (deslizando para um discurso gerencial), ‘solução completa’ (deslizando para um discurso da qualidade) e ‘especialistas [especialização] em arquivos digitais’ (deslizando para um discurso eletrônico) e, também, no notebook (deslizando para um discurso tecnológico) que o contador segura.

Considerando que a charge é um anúncio da empresa ‘Evidência’, o enunciado ‘Solução Completa’ funciona como uma propaganda, ao modo de “é disso que sua empresa precisa”. O deslize ‘contar>>contabilizar>>gerenciar’ está colado às tecnologias de suporte. A qualidade das informações é o diferencial que a empresa ‘Evidência’ anunciante na charge, vem publicizar, quando afirma que os prestadores de serviço da empresa são especialistas em arquivos digitais.

Entretanto, a ‘Solução Completa’ e a ‘especialidade em arquivos digitais’, enquanto discursos publicitários, silenciam os discursos de responsabilidade gerencial e jurídico das empresas de serviços de escrituração contábeis. Na atualidade, tanto as empresas, quanto os profissionais prestadores de serviços de escriturações contábeis, são responsáveis pelas informações digitais que produzem para as tomadas de decisões e, legalmente, respondem junto aos administradores de empresas por qualquer negligência, omissões ou erros nas informações tratadas, transformadas em dados sistematizados.

3. OS DISCURSOS DA ESCRITURAÇÃO CONTÁBIL DIGITAL (ECD)

A importância da escrituração contábil digital está tanto para o controle da empresa quanto para o governo, pois é através dela que se registram os fatos cotidianos empresariais e se comprovam os impostos devidos ao governo.

A ECD nos traz, pela memória metálica (ORLANDI, 2006), uma padronização e confiabilidade das informações, funcionando como uma ferramenta que lineariza a informação para a tomada de decisões.

A disponibilidade da informação o tempo todo, e com acesso em qualquer lugar, se fez possível pelo advento dos aparatos digitais, nascendo aí um discurso tecnológico da escrituração contábil, passando esta a ser ‘enunciada’ como Escrituração Contábil ‘Digital’.

Entretanto, no texto constitutivo da história (dos propósitos) da contabilidade (‘contar >> contabilizar >> gerenciar’), bem como na constituição da escrituração contábil como linguagem (tecnológica) da contabilidade (‘manuscrito >> mecanizado >> eletrônico), percebemos uma revisão retrospectiva do impacto da tecnologia da informação sistematizada nas práticas contábeis. Esta, por sua vez, se mostra em um movimento de sentidos nos quais os dados sistematizados deslizam de quantitativos para qualitativos, sendo permissivos e condicionantes para os novos métodos de trabalho com os mecanismos de comunicação e estruturação dos sistemas de informação contábil. O trabalho com informação “em tempo real” filiado à ideologia economicista passou a ser demandada pela necessidade da rápida responsividade ao processo decisório dos usuários, para atender à demanda dos gestores em relação às tomadas de decisões. “Todos esses aspectos vão mostrando a repercussão da tecnologia digital na vida dos sujeitos, nas suas práticas” (DIAS, 2011, p. 16).

Assim, a tecnologia da escrituração ‘digital’, que ‘enuncia’ informações sistematizadas em tempo real, produz movimento nas práticas com a filiação a certo discurso tecnológico (evolução tecnológica) e gerencial, atravessando e sendo constituído por um discurso estratégico empresarial (considerando os escritórios de contabilidade como empresas de prestação de serviços) – conforme o esquema da Figura 2. As práticas de trabalho, e portanto, os sujeitos, são postos em relação novamente às práticas quantificadoras somadas ao gesto de velocidade para que auxiliem os processos produtivos.



Figura 2 – Os discursos da escrituração contábil digital

Fonte: Elaborada pelos autores

O **armazenamento digital** de dados, atravessado pelo discurso estratégico empresarial, é uma forma de otimizar os documentos que antes eram empilhados ou colocados em pastas dispostas em infinitos armários, reduzindo então tempo e profissionais necessários para esta tarefa. Deste modo, todos os registros, quando feitos, são armazenados imediatamente, quer seja por meio de lançamentos em programas ou por meio de digitalização de papéis. A estratégia empresarial produz efeitos de sentidos de economia (economia de tempo, de espaço e de investimento em mão de obra) e organização.

Além disso, a **redução da burocracia** através do uso de plataformas, é, também, uma estratégia empresarial, lançando mão de documentos necessários e importantes onde forem necessárias suas consultas e utilizações. Mais uma vez, estratégia empresarial produz efeitos de sentidos de economia (de tempo), onde tudo está disponível sempre que necessário em plataformas virtuais de armazenamento.

A **operacionalização das atividades** do escritório, mediante a escrituração contábil digital, desloca-se de um discurso tecnológico para um discurso estratégico empresarial, mediante o uso de ferramentas (softwares) que oportunizam o compartilhamento de dados (informações) sistematizadas. A estratégia produz efeitos de sentidos de qualidade das informações contábeis com a uniformização de processos e partilha de informações confiáveis em “tempo real”.

O discurso tecnológico do **controle de compromissos com calendários virtuais** desloca-se para o discurso estratégico, considerando os prazos a serem cumpridos por algumas escriturações contábeis. Produz, ainda, efeitos de sentidos de economia, onde o calendário

virtual é a garantia do cumprimento dos prazos que evitam multas para os escritórios de contabilidade.

O uso da *tecnologia no atendimento*, enquanto funcionamento de um discurso estratégico empresarial, produz efeitos de sentidos de vantagens e facilidade no relacionamento entre as pessoas envolvidas no contexto. Os deslocamentos de profissionais contábeis para clientes são facilitados pelo uso de aparatos tecnológicos que viabilizam tal interação (como é o caso de e-mail e aplicativos de videoconferência), promovendo a prestação do serviço com mais rapidez e dinamismo.

O que se percebe é que este objeto da análise (a escrituração contábil digital) é inesgotável face à possibilidade da compreensão dos processos discursivos possíveis.

“As inovações tecnológicas têm como uma de suas consequências a promoção de novas formas de relacionamento entre os homens e novos protocolos de convivência” (CHIARETTI, 2016, p. 36). Assim, a escrituração pode ser significada como sistêmica (informatizada e digitalizada), como um processamento dos insumos que são os eventos e transações entre o homem e seu meio.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos a evolução (dos propósitos) da contabilidade dando certa visibilidade aos efeitos de sentido de e sobre ‘quantificar’, mostrando os deslizamentos em seus dizeres a partir de seus sentidos parafrásticos esquematizados em ‘contar>>contabilizar>>gerenciar’.

Compreendemos, ainda, que a escrituração contábil funcionou a partir de uma linguagem (tecnológica) ‘da’ e ‘para’ a contabilidade, sempre produzindo conhecimentos que se voltavam às práticas de tomada de decisão. Sua evolução se deu pela historicidade ‘manuscrito>>mecanizado >>eletrônico (informatizado/digital)’. A mecanização da linguagem produziu, como efeito, facilidades para o trabalho da escrituração, e também para a industrialização, podendo ser tomada como um marco para a revolução das práticas produtivas, seja da contabilidade, seja da sociedade de modo amplo.

Sabendo que o desenvolvimento dos propósitos da contabilidade está articulado ao desenvolvimento da linguagem da escrituração contábil (‘contar/manual>>contabilizar/mecânica>> gerenciar/eletrônica’), adentrando à Era da Informação Digital com um discurso tecnológico e gerencial, compreende-se que estes discurso constituem os gestos de praticar a contabilidade e deslizam por entre os campos de seus alvos

de trabalho por meio os gestos práticos voltados às tomadas de decisão, as práticas estratégico empresarial, onde a tecnologia, neste discurso, em seus deslizos, vem significar: facilidade no armazenamento virtual de informações, eliminação de burocracias por meio de uso de plataformas, dinamização da operacionalização das atividades da organização, controle rigoroso de compromissos contábeis/fiscais da organização e viabilidade no atendimento/relacionamento entre as partes envolvidas, mantendo os sentidos de produtividade.

Concluimos que a tecnologia, constituindo cada uma das fases de ‘contar/manual>>contabilizar/mecânica>>gerenciar/eletrônica’, foi significativa para o desenvolvimento da escrituração contábil, produzindo efeitos sobre os sujeitos que a praticam e sobre a sociedade que compõem.

REFERÊNCIAS

CARROZZA, Guilherme. **Consumo, publicidade e língua**. Campinas: Editora RG, 2011.

CHIARETI, Paula. Discurso, subjetividade e novas tecnologias. **RUA**, n. 22, v.2, p. 33-44, jun./2016.

DIAS, Cristiane. e-Urbano: a forma material do eletrônico no urbano. In. DIAS, Cristiane. **E-urbano**, 2011. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano>>. Acesso em: 15 mai. 2016.

DIAS, Cristiane. Análise do discurso digital: sobre o arquivo e a constituição do corpus. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v.44, n.3, p. 972-980, set./dez. 2015.

FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. O papel e o poder fundador da linguagem na reflexão sobre conhecimento e tecnologia. **Revista de Estudos do Discurso**, Pouso Alegre, v. 11, p. 75-98, jul./dez. 2015. Disponível em: <<http://www.entremeios.inf.br/published/300.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

HENDRIKSEN, Eldon S.; BRENDA, Michael F. Van. **Teoria da contabilidade**. São Paulo: Atlas, 2011.

IUDÍCIUS, Sérgio de. **Teoria da Contabilidade**. São Paulo: Atlas, 2010.

NOGUEIRA, Luciana. **Discurso, sujeito e relações de trabalho**: a posição discursiva da Petrobras. Tese (Doutorado). 2015. – Campinas: Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000953325&opt=4>>. Acesso em: 3 jan. 2017.

ORLANDI, Eni. **Interpretação**. A autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Campinas: Pontes, 2004.

ORLANDI, Eni. Análise de discurso: conversa com Eni Orlandi. (Entrevista para Raquel Barreto). **Teias**, ano 7, n. 13-14, jan./dez. 2006.

ORLANDI, Eni. **O que é linguística** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

ORLANDI, Eni. A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico. In.

DIAS, Cristiane. Formas de mobilidade no espaço e-urbano: sentido e materialidade digital. **Série e-urbano**. v. 2, 2013.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.

PAYER, M. Onice. Linguagem e Sociedade Contemporânea – sujeito, mídia e mercado.

RUA, Campinas, v.11, n.1, p.9-25. 2005. Disponível em:

<<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640774/8311>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e Discurso. **Uma Crítica à Afirmação do Óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

Artigo recebido em: 07/06/2018

Aprovação final: 22/04/2020

DOI 10.35501/dissol.vi11.433